

Índio agora não quer mais apito, quer é educação

Professores da aldeia, treinados por governos e ONGs, alfabetizam na língua materna e em português ao mesmo tempo

• O *ava'i* e a *nha'i* vão à *nhem boea* e no *jakarua* observam o *kuaray*. A frase mistura palavras portuguesas e guaranis (menino, menina, escola, recreio e sol), como está fazendo a comunidade guarani, em Angra dos Reis. As crianças estão sendo alfabetizadas simultaneamente na língua nativa e em português. Outras nações indígenas (terenas, em Mato Grosso, e mundurucus, no Amazonas) estão fazendo o mesmo.

Na aldeia Sapucaí, em Angra dos Reis, que tem 350 guaranis, há 120 na Escola Kyringue Yvotyty (onde as crianças colhem flores). Os alunos são divididos em quatro ciclos: de 6 a 7 anos, de 7 a 9, de 10 a 12 e de 12 em diante. Estudam matemática, ciências, geografia, história e guarani. Há seis professores índios da comunidade, entre eles o diretor Algemiro da Silva Poty, o único que ensina português.

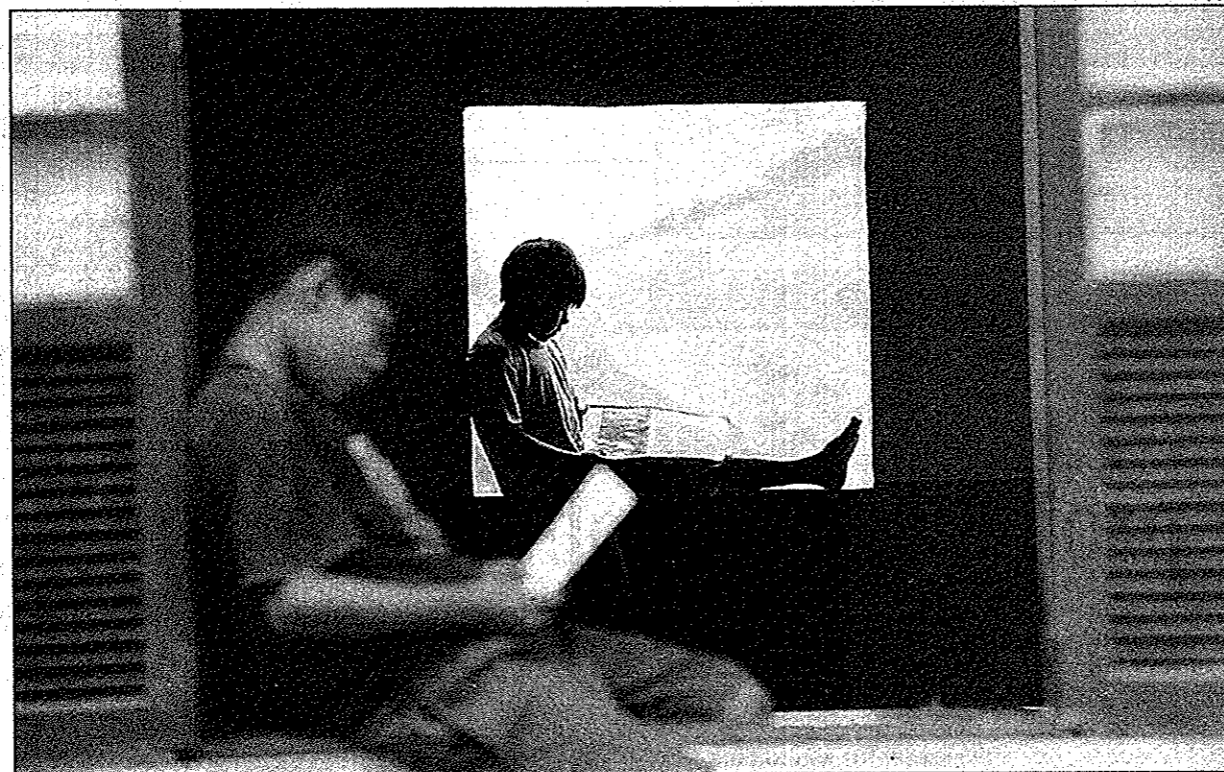
Professor faz parte do Comitê Nacional de Educação Indígena

Algemiro chegou à 5ª série numa escola "não-índio", como diz. Faz cursos de capacitação e hoje faz parte do Comitê Nacional de Educação Indígena do Ministério da Educação. O Projeto Educativo Guarani foi elaborado pela própria comunidade.

A tribo se reuniu para discutir o que queria que suas crianças aprendessem e se elas deveriam ou não sair da aldeia após o 4º ciclo para continuar os estudos. Ainda não há crianças que tenham completado os quatro ciclos, mas o desejo da comunidade é que a escola seja capacitada para que elas continuem a estudar lá mesmo.

— Elas só aprendem português depois que estiverem lendo e escrevendo bem o guarani, o que acontece no 2º ciclo.

A comunidade tem se reunido para elaborar o Currículo Escolar Guarani, que pretende apresen-



ALUNOS ÍNDIOS lêem na janela da escola da aldeia Sapucaí, em Angra dos Reis, uma das que têm o sistema especial

tar, ainda este ano, ao Conselho Estadual de Educação. Com a aprovação do currículo, as crianças poderão passar a receber seus diplomas.

Em Aquidauana (MS), com 41 mil habitantes e 5.500 índios, a Prefeitura começou este ano a alfabetização bilíngüe dos terenas. O secretário de Educação, Francisco Trindade Leite, diz que o índice de reprovação na 1ª série das oito escolas que funcionam nas aldeias girava em torno de 55% nos últimos seis anos. O ensino aplicado era o tradicional.

— Em novembro fomos às salas e testamos a leitura e a escrita das crianças. Foi assustador: 53% não escreviam e 50% não liam — conta o secretário.

O primeiro passo para mudar a situação foi contratar professores nascidos nas aldeias. Formada a equipe, com 16 pessoas, foram elaborados um programa de

treinamento dos professores e cartilhas em terena.

— Já temos 20% das crianças lendo em terena, começando a escrita em terena e respondendo bem às aulas de português — afirma o secretário.

Os alunos aprendem primeiro a ler e a escrever em terena. Paralelamente, os professores vão apresentando o português aos poucos, para não confundir-los. Só quando estiverem totalmente alfabetizados em terena é que começarão a aprender português.

Professora garante que basta um ano letivo para aprender

A professora Janete Lili Azambuja garante que um ano letivo é suficiente para a alfabetização em duas línguas.

— O resultado é incrível. O fato de dedicarmos algumas horas para falar sobre nossas lendas também ajuda — diz.

Marizilda Cruppe

nos estaduais e 12 organizações não-governamentais. Dos 2.500 professores-índios, 90% já passaram por esses cursos, organizados com o apoio da Associação Brasileira de Linguística.

A principal publicação do MEC é o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, editado este ano com tiragem de 12 mil exemplares e distribuído para todos os estados.

O mundurucu Maximino, de 85 anos, é um dos 800 professores-índios do Amazonas e trabalha na sua tribo, de 2.200 habitantes, que cerca o Posto Kwata (macaco), às margens do Rio Canumã, a duas horas de lancha de Nova Olinda (a 164 quilômetros de Manaus). O posto é um dos muitos centros avançados nos quais a Secretaria de Educação mantém professores indígenas.

Para qualificar os professores-índios, a secretaria está desenvolvendo um projeto de reciclagem. Desde o início do ano, são ministrados cursos visando a normatizar o ensino diferenciado para os quase 20 mil alunos índios cadastrados no estado, que tem uma população indígena de 90 mil.

Transmissão do novo conceito entusiasma professora

O posto é um dos exemplos desse processo. A professora Rossana Mundurucu está entusiasmada com a possibilidade de transmitir esse novo conceito aos 23 alunos de 7 a 13 anos sob sua responsabilidade.

O projeto Pira-Ywara foi criado com essa finalidade. Tanto que dois professores da secretaria estão desde o dia 5 no posto, onde ficarão até 20 de maio. A missão é incentivar o ensino diferenciado entre os professores indígenas.

— É tudo diferente. Até a matemática tem muitos detalhes totalmente contrários à tradicional — explica Sílvio Azevedo, chefe do posto há 13 anos. ■

Casco da nau capitânia já está pronto

Waldomiro Júnior

Especial para O GLOBO

• SALVADOR. A praticamente um ano das comemorações dos 500 anos, pelo menos um dos projetos programados não está apenas no papel. A réplica da nau São Gabriel, com a qual provavelmente Pedro Álvares Cabral chegou, já está com o casco concluído. Apesar da dificuldade de conseguir patrocínio, os idealizadores do projeto garantem que até o fim do ano a nau vai estar no mar, treinando a tripulação para a festa de 22 de abril de 2000.

— Ainda faltam 70% dos recursos, mas estamos otimistas — disse o comandante Cláudio da Mata, capitão-de-mar-e-guerra da reserva da Marinha, um dos responsáveis pela coordenação do projeto.

A idéia de construir a réplica surgiu de um projeto do Instituto Memorabilia, incorporado pelo Clube Naval, do Rio. A Marinha cedeu a Base Naval de Aratu e, a partir daí, uma comissão passou a se mobilizar para conseguir os US\$ 3 milhões necessários para viabilizar o empreendimento.

— Estamos em negociação com várias empresas e estamos certos de que vamos conseguir levantar todo o capital necessário — acredita o comandante.